

Escritas Junto a Ninguém

E se Ninguém houvesse?

Written Next to No One

What if no one did?

Júlia Maria Ferreira Leite

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Marcos Vinícius Leite

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFMG)

RESUMO

Uma escrita circular. Espiralada. Experimentações de escrita que transitam em afetos em torno de Ninguém. Os experimentos em questão pretendem produzir e favorecer efeitos e implicações de se colocar diante do desafio de se pensar junto a Ninguém. "Como alguém se torna em Ninguém?" passa a ser um dos caminhos da ultrapassagem ora lançada. Entendendo Quem como o conjunto de endereçamentos que pretendem organizar um modo de existência na variedade de modos de expressão e interação, essa provocação tem a pretensão de aferir os efeitos e implicações dos desafios de se pensar junto a outro personagem conceitual: Ninguém. Problematizações em experimentação na escrita junto à violência de se lançar nas brumas de Ninguém. O personagem é responsável pelas provocações ao amigo pensamento e a partir dessas indagações, diversos terrenos da filosofia são atravessados: O que pode Ninguém na Polis? Pode um mundo sem Ninguém? Se penso, Ninguém Existe? Há pensamento junto a Ninguém? E outras perguntas emergem: a produção de Ninguém escaparia ao modelo ou seria dele decorrente? A suposição de Ninguém como resistência ao humano, à polis e às suas formas de dominação não abriria espaços para a emergência de processos contra hegemônicos em devir?

Palavras-chave: Experimentação. Escrita. Pesquisa. Pensar.

ABSTRACT

A writing. Spiral. Writing experiments that pass in affections around No One. The experiments in question aim to produce and favor effects and implications of facing the challenge of thinking with No One. "How does one become No One?" becomes one of the paths of overtaking now launched. Understanding who as the set of addresses that intend to organize a mode of existence in the variety of modes of expression and interaction, this provocation has the intention of assessing the effects and implications of the challenges of thinking with another conceptual character: Nobody. Problematizations in experimentation in writing along with the violence of casting itself in the mists of No One. The character is responsible for the taunts to the thought friend and from these questions, several terrains of philosophy are crossed: What can No One in the Polis? Can a world without no one? If I think, No One Exists? Is there thought next to No One? And other questions emerge: would No one's production escape the model or be it arising from it? Would anyone's assumption as resistance to the human being, the polis and its forms of domination not open spaces for the emergence of processes against hegemonic to come?

Keywords: Experimentation. Writing. Research. Think.

1 INTRODUÇÃO

- Caro Ciclope, Queres saber meu nome? (...)
 - Meu caro Ninguém, serás comido por último”.
- (Homero. Odisseia)

A presente escrita agenciou se colocar diante do desafio de se pensar junto a Ninguém. Tomado pelas questões O que ocorre quando a atividade de pensamento se dá? O que pretende a atividade de pensar? Quais as condições estão lançadas na atividade de pensar? o pesquisar lança-se no exercício da escrita deixando-se atravessar pelos modos e conceitos da filosofia da diferença e seus intercessores, dentre os quais está o Travessia Grupo de Pesquisa .

Nesse atravessamento, surgem os personagens conceituais Quem e Ninguém. A construção do Quem é decorrente dos processos, discursos e práticas que vão abrindo possibilidades de emergência. Não há um Quem fora do conjunto de práticas e discursos instauradores. A produção da loucura, da sexualidade, da eticidade e do cuidado consigo indicam a hegemonização destes dispositivos de modo variado em épocas. Porém, a produção de Ninguém escaparia ao modelo ou seria dele decorrente? A suposição do Ninguém como resistência ao humano, à polis e as suas formas de dominação não abriria espaços para a emergência de processos contra hegemônicos no tempo presente?

Tomando que o pensamento é provocado quando chocado por uma violência, essa escrita se constitui, no plano do experimento, como uma tentativa de se colocar diante de algo que provoca o pensamento. O personagem conceitual Ninguém é o responsável pela provocação. Entre questionamentos e indagações ao pensamento, vários terrenos da filosofia são atravessados por Ninguém. O texto se dá em indagação a respeito de possibilidades que podem fazer ruir determinadas estruturas.

Dá-se o experimento: diante da possibilidade impensada do Ninguém, o que ocorreria no plano ontológico, no plano antropológico, no plano da linguagem, e metafísico e na estética da existência, e, e, e...?.

1.1 Persistir em experimento de pensamento

E se Ninguém houvesse? E se Ninguém fosse o destinatário do pensamento e das presenças decorrentes do estar lançado na irrupção de afetos? Como ocorreria o mundo e as implicações decorrentes? Como ocorreria polis e as implicações decorrentes? Como ocorreriam corpos e as implicações decorrentes? Em experimento de pensar no pensamento, remeter faculdades ao colapso, produzindo violência nos rumos e no senso comum junto a quem e alguém. (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

Nessas linhas afirmar-se-á Ninguém. Longe de qualquer tarefa meramente retórica, alinhada às distâncias permitidas na e pela linguagem, transitar-se-á em corpo prestes à fala em língua a se fazer retumbar. Necessário é se distanciar dos processos que tomam Ninguém como oposição a Alguém, com fins a retirar a humanidade ali depositada ou produzida por práticas e discursos civilizatórios estabelecidos de ausências e ou presenças em rosto, nome e voz. A distância diante da posição de assumir Ninguém como negação de Alguém deve ser mantida para a celebração da diferença de se dar como estando de fato para além e aquém das designações e resistindo à redução da função de depositário de arquivos civilizatórios abandonados ou a se abandonar. Ninguém aqui não será tomado como protótipo de alguém.

Como apenas um desvio na rota ou como lugar definido na sua teleologia. Ninguém nunca foi pensado, quiçá afirmado. A história de Ninguém está ainda sob a sombra de algum quem, quer como sua negação, quer como seu destino.

Para Darcy Ribeiro (1995), o processo de miscigenação entre os povos originários do território brasileiro, após a invasão portuguesa, francesa, espanhola e ou holandesa, acabou por nos legar à ninguentade, pois nascimentos oriundos dos cruzamentos entre os portugueses com os inúmeros povos originários e com a diversidade de povos negros trazidos pelo tráfico de escravos, acabaram por resultar na emergência do Ninguém. Ninguém foi tomado como não pertencente aos povos portugueses, não pertencente aos povos originários e não pertencente aos negros africanos. Ninguém apesar de ser algo, não chega a ser um quem. Assim, na origem desta polis, assistimos aos cruzamentos produtores de Ninguéns, definidos pela negação do quem. Se assumirmos essa dívida, teremos como destinatários de ser, o dar-se enquanto mundo, ser e pensamento como um convite à negação da ninguentade. Por outro lado, pretender fazer de ninguém, algo ou alguém, soa como expressão de máxima violência, pois pretender um rosto e nome à luz da dominação, quer presente, quer passada, soa-nos como a marca derrisória da brutalidade da civilização - o tornar-se vida em objeto instrumentalizável, na construção da cifra, mediada pelos processos violentos inerentes às técnicas da mnemotécnica. (NIETZSCHE, 1998) Supõe-se que o esforço se daria em admitir a ninguentade como origem e destino do flutuar de possibilidades para além e aquém de qualquer delimitação no habitar e o coabitar com algum quem. Ninguém se distancia também de qualquer.

Desse modo, reivindica-se a resistência inerente ao tornar-se Ninguém. Assim, tensionando antiga questão nietzscheana, teríamos, como provocação ao pensar, a problematização em torno do tornar-se Ninguém. Por outro lado, na obra Assim Falou Zaratustra, do renomado filósofo, o endereçamento é claro: um livro para todos e para Ninguém (NIETZSCHE, 1998). Nesse sentido, poderíamos nos reivindicar como um dos destinatários das falas de Zaratustra. Porém, não se trata de supor Ninguém como ausência de alguém, mas os desafios de estar à altura, em colocar em questão a produção de nome, quem e rosto ou mesmo em desafiar quem, rosto e nome quando diante de Ninguém. Contudo, quem desejaria ser Ninguém? Ledo engano. Não se pensou ainda o Ninguém?! A terrificante certeza de que diante de Ninguém, nada se mantém como o mesmo... Ninguém não devirá ser também alçado como destino do quem ou de qualquer algum. Afastamos também de Zaratustra, pois ali, Ninguéns e contrapõe a todos e a alguém. Cabe aqui, Ninguém como destino, como desenrolar de algum possível ainda distante.

Na Grécia Antiga, Ninguém vem à tona na linguagem mítica de Homero. Como astuta estratégia de Ulisses para escapar da mortal caverna dos Ciclopes. "Ninguém é meu nome", afirma o herói (HOMERO, 2007). Enquanto Ninguém, permite-se enganar, menosprezar, embebedar, esconder, escapar, e também, não ser tomado como algo a ser encontrado. À Ninguém cabe estratégias de invisibilidade, mas que lhe garantem um conjunto de ações, que se destinadas à alguém, o permitiriam receber até a pena capital, a descoberta de ser portador de um sujeito de ação, capaz de endereçamento. Interessante destacar, que à memória coletiva coube reconhecer na experiência de Ninguém, o fato de Ulisses existir. Porém, na pele de Ninguém, Ulisses tornar-se-á um outro de si liso, aberto à fuga e ao deslocamento. Paradoxalmente, Ninguém age, sem ser descoberto, sem ser pego ou ferido. Em sua ação positiva, cabe ao Ninguém agir sem ser encontrado. Junto a Ulisses, reconhece-se Ninguém como adágio recebido de pai e mãe e como signo da denominação das relações entre amigos. Ninguém advém ao mundo como herdeiro de outros, para além de se posicionar capaz de construção de uma polis. Além de quê, enquanto Ninguém, poderá ser devorado por último.

2 TRATADO JUNTO A NINGUÉM

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada. Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem. (BECHARA, 2009, p. 201)

A potência do Ninguém ressoa como afirmação, nos múltiplos, nos deslizos, na variação infinita de endereçamentos. Desafia o pensar no pensamento, lança em cena as ultrapassagens, fere as linhas demarcadas nas tradições.

Ninguém rompe com o endereçamento do pensamento, como as formas de dominação.

Ninguém coloca em evidência os limites da polis, as fronteiras de delimitação entre civilizados e bárbaros, as apoteoses das demarcações de territórios.

Ninguém não reivindica pátria, amores.

Ninguém flui na linha acima da demarcação, rompe a fronteira do isto e do aquilo.

Ninguém pode ser morto ou estar vivo.

Ninguém não confronta alguém.

Ninguém navega na vida. Ninguém pede passagem à língua.

3 ESCRITA JUNTO A NINGUÉM

Demorar em questão. Porém, questão reclama discurso, mediado por conjunto de conceitos capaz de estender o mesmo da questão. A questão responde ao conjunto de tensões, lançadas e colocadas por vislumbre em corpo abrigado em um habitar. A confluência de habitar e coabitar em um corpo enquanto questão indica a imanência à vida. A vida reclama a proposição das questões, mas a vida é inacessível. No caso, um determinado modo de ser e estar se apresenta como a facticidade da vida. Propor a vida é fazer imanência transcender, deslocar para o lugar mesmo da afirmação e seu coabitar. Não há escapatória, pássaros gorjeiam, cães ladram e a essência essencializa-se como ser e pensar, como destino. Questões brotam em corpos que tomam a vida e seu processo diante do tempo e do espaço em que o instante se decide. Um modo de ser da questão coaduna com o modo de ser da questão em jogo no ocidente: o que é isto, a vida? Coloca o modo de ser da indagação do pensar a algum tempo no ocidente. O que é isto, a vida? Contudo, pode-se substituir a pergunta sobre o porquê, por àquela vinculada ao como, aos processos de constituição da pergunta e do corriqueiro do seu modo. Indagar o porquê e indagar o como supõe um modo de questionamento. Se num modelo supõe o eu que é indagado, no outro, o fato da indagação, se apresenta como pertencente ao modo de se dar de um determinado modo.

Tomar o sujeito da indagação como um resíduo ou como expressão de um modo histórico de indagação lança o desafio de produzir outro modo de se colocar sob o jugo da imanência, na imanência. Pretende-se colocar o Ninguém como o portador de questão, colocar de modo que a ausência de Quem possa produzir e ensejar alguns deslocamentos, pois Ninguém exige outro modo de ser, estar e pensar. Ninguém responde a um devir. Um estar para além e aquém, sendo ainda um impossível. Ninguém não reivindicaria também outro modo de pensar? Para lá das sínteses das faculdades, em sujeito pensante? (DELEUZE, GUATTARI, 1992)

Desejar dizer de um modo, em desordem. Em abertura, lançado em front, em irrupção, devires folha, ausência de teia em aranha... Qualquer teia é em si uma árvore, com raízes e tudo o mais. As cadeias encerram as rupturas e os movimentos instaurados, fixam as passagens apelando ao fora em alguma transcendência. O ateísmo como condição para a afirmação da pura imanência, como descaminho propício ao pensar junto ao Ninguém. Diante de Ninguém, haveria deuses? Em caso de haver deuses, que estejam destinados à morte na imanência ou ao fazer transcender a imanência mesma, nas asas de delírios distantes. Mundo em que animais inteligentes inventaram o conhecimento ou foram tomados na invenção de inúmeras formas como sintomas de forças e suas inauditas relações - a história da metafísica marca indelevelmente a indagação: mas o que é isto, a metafísica? (HEIDEGGER, 1999). O que é isto a perguntar de modo a colocar a questão mesma da metafísica, o em si da essência do indagado. Perguntar o que indica o indagado em uma questão. Mas seria ainda desejável e possível? Nenhuma transgressão! Já ultrapassamos a linha de demarcação. As escolas da suspeita colocam em evidência o perguntar metafísico, quer como lance entre disputas de forças; quer como efeitos de corpos em processos de socialização; quer como efeitos da história das avaliações emanados das tradições; quer como endereçamentos do ser à pre-sença, quer como erros ou equívocos da lógica ou da linguagem e suas gramáticas metafísicas. Portanto, espaço liso convoca à desordem e ao chamamento ao ninguém. Na ausência da tradição ou no seu acabamento ou na derrocada da sua vigência, Ninguém é destino. Se deus morreu, alguém se foi. Sem alguém, Ontheroad. (KEROUACK, 2016). Se tudo pode, ainda é necessário persistir algo? Ou, ou. Niilismo passivo. Prévia adaptação competitiva na ordem hegemônica neoliberal... o mais novo e já envelhecido ser liberal. Sujeito, liberdade e propriedade. Ser empresa, prestar serviços, vender o si, do si mesmo, sua força em trabalho, prescrever e interiorizar a dialética do senhor e do escravo – modos de ser de alguém transpassado por hegemonia sem rosto. Odes ao capital, ou ao acumular para aplicar em títulos da dívida pública em detrimento de serviços públicos? Otimizar o despatriar do capital, transnacionalizar, soltar amarras, despersonalizar ao infinito. Sem direitos, lançado na perpétua extração de mais valia. Gozo em pequenas coisas, o quadro na parede, fotos postadas em rede, grupo de amigos para extasiar a dependência de aplausos em sociedade de espectadores. A miséria em cotidiano. O endividado, o representado, o alijado e o a ser incluído - em ordens de sentido afins – incluir soa como tornar o fora em alguém, o excluído, a destruição do meio, a perda do futuro, o tornar-se alijado. A certeza da medida de forma para a diversidade da multiplicidade. Desejo de multidão. Ninguém é multidão? Conversar com Ninguém, em endereçamento delirante.

Falir, extinguir... Apagar de chama em vela. Sintomas... Ainda o anão, o terrível... Seria possível se somente se fosse ainda permitido romper... Ou sem dever, apresentar ruptura. Longe da certeza de que Ninguém seria a figura do ressentimento. Ninguém como expressão de vida que se esgota, desejo de matar e morrer. Desejar ser ninguém como escape da afirmação, como lamento, como estraçalhar de corpo em desprezo. Ninguém soaria como figura do ressentimento?

O modo de se dar o mundo reivindica a escrita, o escritor e o pensador e todos os outros, o artista, o cientista, o fazedor de café, a mulher, o negro, o índio e todos os outros e outras e outros mais, os ainda não, os fronteiriços. A escrita reivindica o escritor. O pensar reivindica o pensador. O dar-se das forças nas suas microrelações, reivindica a escrita, a fala, o corpo, a língua e tudo o mais. Os braços balançando e pernas dançando ao ritmo da melodia do escape também reivindicam. Em nome de um presente ainda vindouro. Contra o tempo presente, mas a favor de tempo advir no instante do agora. Para alguém da hegemonia. Em política do desejo solapar habitações, abrir fenda no céu. Em ambos, brota a seiva que teima em escorrer em

ladrilhos de som e luz e aspereza. Mesmo que pretendesse, apenas Ninguém seria o destinatário. Um Ninguém avesso ao nome e ao rosto, um Ninguém ainda em devir outro do rosto. Um Ninguém como companheiro, sempre à espera de grandes acontecimentos. Não seriam os pensamentos, os grandes acontecimentos em devir? Escrever ao léu. Já não mais tomado pela seriedade de pretender esclarecer, de transitar das sombras à luz, de tornar absolutamente às claras. Nesse caso, qual é o ponto de partida? Decompor cada proposição? Decompor cada pedaço de palavra? Cada radical de palavra? Cada força ainda oculta? Cada rasgo ainda de vida? Cada partícula, cada parte do organismo? Cada desordem? Ou desordenar? Escrever junto com Ninguém escapando em lentidão para odes outras... Fugir junto ao Ninguém escalando os passos da abertura. Desejável seria Ninguém em silêncio? Já não se disse que cabe agora o silêncio? Ou, não seria melhor a leitura, a recusa por se colocar em abertura, um lembrar a tradição, um repensar originário da tradição? Mas seria digno um pensar, sem pensamentos? Senão vejamos... Mas o que há ainda a pôr às claras? O significado dos nomes? O significado das coisas? O sentido da realidade? A eficiência dos dispositivos de personalização? As desigualdades, as injustiças, o fascismo e o desejo de morte? Mas senão, vejamos. Por agora cabe a polis, um dizer da polis. Mas o grande acontecimento é pôr às claras o cotidiano. Escrever junto com Ninguém teria lá suas vantagens... Uma senha secreta de carregar tudo por aí e voltar algumas vezes. Afinal, Ninguém se permite a qualquer coisa e a qualquer lugar... Ninguém pode até ser morto... Posso jogar pedra em Ninguém.

4 ENDEREÇAMENTO À NINGUENIDADE

O nome em Ninguém é ausência. Ao Ninguém, que em tudo pode. Ninguém pode ser esquecido, pode ser depositário de memória a não ser lembrada, ser lançado à lua e deixado só. Ao relento. Percorrendo trilhas em idas e vindas... Ninguém pode viver sem pensar, sem poetar, sem funcionalizar. Ninguém pode escapar à loucura, ser a ausência de clareza ou a erupção de toda clareza, de produção de todas as atrocidades do cálculo. Ninguém pode medir a terra, medir o mundo, medir os sujeitos, delimitar seus crânios, determinar os destinos dos órgãos. Pode ser muro, murro, ponte, abismo. Ninguém pode ser o endereçamento. Ninguém pode viver sem pátria, sem gênero, com gênero. Pode ser ainda-não. Ninguém pode poder. Signo do tratado às avessas...

Em noite distante brota muito menos que quaisquer, Ninguém. O sem pátria. Pode ser legado ao total esquecimento, ao puro existir sem rastro. Ninguém pode ser a ausência de qualquer pertencimento, sem nascimento. Ninguém ainda não existiu, ainda virá, ainda será a destinação de qualquer borda e transbordamento. Ninguém como destinação inefável... Contudo, poderia Ninguém ser destinatário do pensar do pensamento?

O esforço filosófico parte da atenção a um chamamento, desejo de habitar em uma condição que permite a produção de aproximações, de deslocamentos, de danças e movimentos de um pensar, conclamado pela pertinência de estar à altura do desafio de lançar-se em abertura e permanecer em abertura. Não há pensar sem abertura à atenção. Atenção é estar em situação de abertura, sobre um flanco em que lutas em vozes se dão a bailar superações. Habitar a disputa em pares dissonantes. Nesse interim coloca-se em evidência o fato do pensar e suas anterioridades. Por outro lado, a certeza de que algo se expressa em pensamento evidencia o fato de existir, contudo, o fato de ser e estar de um determinado modo não suscita o pensar, logo, se se pensa, existe (DESCARTES, 1999). Mas se existe, pensa? A questão é, se constato que penso, existo? E se existo tenho que pensar? Nessa linha, o fato de existir antecede o de

pensar, logo, o pensar evoca a ultrapassagem. Como se pensa? Porém, diante e junto a Ninguém há pensamento?

Se uma árvore cai na floresta junto à Ninguém, ainda haverá ruído?

5 DO INÍCIO

A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. (ROSA, 2019)

Como está? Juntos há algum tempo. Tempo que já não temos muito. Trata-se de escoar-se no tempo, junto a um espaço inundado de coisas e utensílios. Para onde se vira, encontra-se só e junto com. Por agora, pássaros a rondar em seus ruídos, céu em nuvens e ruídos de homens a laborar a vida, a ensaiar vidas e destinos. Estranha condição. Contudo, em meio a afirmações do cotidiano, suas lamentações e exigências, emerge de lugar distante, companheiro bate à porta, reivindica a atenção, pois como é isto? Como é isto que é estar em abertura? Para onde se olha emerge uma conjuntura, um papel sob a mesa, um ruído, um céu, um conjunto de obrigações e necessidade, um corpo, um corpo vivo que morre. Estranho modo habitual de ser e estar junto com em um mundo. Um mundo circundante. Como adentrar em mundo circundante. Um pedaço de real ainda quer se impor em abertura.

O chamamento cinde a atenção em dois movimentos. Toma-se a atenção como o ato de permitir dar passagem a tensão em algum signo lançado na linguagem. Um emissor e um espectador. Um dizer que se processa na resposta, a indagação. A indagação pergunta junto ao sentido de uma definição. Na definição ressoa um círculo. O diagnóstico da circularidade indica a necessidade de saltar sobre a circularidade. Contudo, parece que é impossível ultrapassar a circularidade, neste caso, a questão da verdade do enunciado redundante na aceitação tática da sua impossibilidade. A correção não se funda, indica a posição moral, na qual, joga-se a aceitação da validade, espécie de satisfação. É satisfatório reconhecer uma determinada posição valorativa. Por valor entende-se a tomada de posição diante da vitalidade instalada. O fato da correção como verdade redundante na aceitação do nível de satisfação, ou como o reconhecimento do engodo da certeza... Desse modo, o pensar não se assenta na verdade como correção... Por outro lado, a imposição do início não garante a validade, para além da imposição da valoração... Saltar a própria sombra é impossível... Então, se o pensar não se relaciona com a referência e nem muito menos com a correção, de qual ordem é? É da ordem da disputa, da ultrapassagem em flancos. A refutação inerente a atividade de pensar resulta de ultrapassagens no terreno das forças.

Um deslizar para as fronteiras de corpo em língua desafiado pelo ser e estar em movimento no espaço liso da questão. Na atividade de pensar em escrita, traduções velozes se impõem na dianteira do salto no rumo em plenitude. Escrever como arte de alcançar as alturas de modos outros de ser. Agarrar à imanência... A criação é o lugar do único. A invenção é a expressão do único. Traçar um campo de conceitos, na criação da questão. Pôr-se em questão, quando vinculado doa-se ao chamamento, uma voz... Trata-se de voz em inúmeras vozes que respondem e falam quando indagadas sobre as suas origens... O nome da origem é questão... Poderia a questão instaurar um mundo? Ou no mundo a questão se instaura na transcendência da imanência pura... E se fossem proposições, sobre proposições enfileiradas em proposições... Remetimentos atozes, caberia ainda dizer sobre possibilidade, ou indagar sobre se é possível a possibilidade. Para quem do indagar a possibilidade do possível... Então... Por ora, um dizer

toma a dianteira e se coloca diante da polis, mas já na polis... É um lamento desejar a limpeza das ferramentas e seus remetimentos. A questão se impõe, trata-se da polis, de estar já em uma polis. Em polis que mata. Designar alguém como assassino, ainda é assassinar...

Permite: dar lugar ao lugar de estar em abertura, sem reservas... Na língua, não há significação, não há remetimento, a língua flui remetendo ao pensar, designador. Por designador toma-se a tarefa de fazer tensionar a teia e a arquitetura móveis das composições. A língua é uma arma, expressão do modo de ser e estar em abertura. Rosna e torna fera... Não há remetimento a um leitor ideal. Escrever em Ninguém, para Ninguém, em presente-futuro, em devir-outro. Desaguar sem remetimentos, mas a questão teima em se afirmar. Pois é. Tratar da polis, do seu modo de ser e estar em abertura. A polis. A cidade. As cidades, os múltiplos em cidades desertificadas... Há múltiplos sem singularidades... Deseja-se a multidão, o devir do desejo de deslocar-se infinitamente na diferença. Haveria uma escrita sem foco.

Por agora, neste agora, neste instante dizer da polis. Da construção da cidade. No âmbito do espaço, no âmbito das relações, no âmbito das reivindicações momentâneas e passageiras.

O esforço alinha-se ao deixar-se movimentar na direção da proposição do sentido. Trata-se de, em arrepio, aceitar o conclamado, um ouvir atento da reivindicação de saltar para o fora, para alguém do limite de um modo de estar em direção e rotina, em naturalização dos enfadonhos palavrórios do cotidiano.

6 O COTIDIANO É O MAIOR DESAFIO

Determinar-se pelo problema político, pelo fato inelutável de termos de construir um mundo e um modo de ser comum em um único e derradeiro lugar. Por político, toma-se o fato de se construir uma polis, e todos os seus desdobramentos. Na esfera do território, na esfera da alteridade, na esfera da amizade ou inimizade, na esfera do estrangeiro e do próximo de do distante de si mesmo. A lei na polis instaura uma ambiência. Traça uma geografia, em sucos, em instituições, em rostos, no âmbito ético-jurídico e ou cultural. A história como o destino final de dar-se de um modo, porém ultrapassado pelo fato de viver concretamente de um modo... Longe dos universais, habita a prática e suas classes... Desse modo, a decisão de construir um habitar é antecedida por um estar de um determinado modo, de se construir de determinada maneira, diante do relutante ser e estar em modo e lugar em determinações. Poderia se supor uma tradição como o arquivo das antecedenças das interpretações. A vida como obra de arte comporta e exporta inúmeros modos de ser e estar advindos, quer do passado ou do futuro, quiçá aqueles ainda extemporâneos. Contudo, no campo das forças decide-se o âmbito do estar e seu atuar. Nada há que não esteja se lançando como um sendo em ultrapassagem, no nosso caso é demasiado específico o vislumbre do dar-se do mundo, quer na esfera do pensar do pensamento ou na produção dos afetos, perceptos e funções. (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

A anterioridade alça-se na antecedença da abertura, pressionada pela e nas forças a estruturas campos de significação.

A realidade se apresenta como um dado interpretativo. Na interpretação abre-se um mundo possível, oriundo do fato mesmo da abertura. Estar, supõe, abrigar-se-á em um mundo, antecedido. A antecedença supõe o estar lançado em um modo de se abrigar. Helena na sua beleza. Ulisses, o homem grego que desafia os deuses e os homens e contribuiu para instaurar o mundo grego. Uma polis. Na definição de polis está presente uma definição de homem, tempo e lugar.

Duas questões determinam a efetividade do pensar no pensamento. Por um lado, a presença mesma da atividade de pensar. Os seus jogos, os seus dispositivos de ação e todas as repercussões no desenvolvimento da questão. A outra nasce da imersão no fato de habitar um dado mundo e este mundo se apresentar sempre de uma determinada maneira diante de um alguém que já se encontra imerso em um mundo e lhe seria co-pertencente. A circularidade é inevitável. O mundo que se revela, revela-se para um alguém já em uma abertura que torna possível a construção de um mundo a partir de um quem. Talvez esses dois caminhos se encontrem na indagação junto à presença mesma de ser do homem, pois a convergência entre se dar como pensamento junto ao questionamento seja uma das possibilidades de se dar como humano. Talvez, o fato humano tenha que celebrar a instância do pensar em habitar um mundo de determinado modo. Talvez, o conceito que cria a relação entre a noção de pensar e a de realidade se assente naquele de verdade. Se o conceito está em devir na história é possível identificar uma dualidade ao conceito de verdade. Em um primeiro momento apresenta-se como o dar-se daquilo que se manifesta de um determinado modo em abertura, em um outro, passa a ser tema como um critério para a definição daquilo que aparece, como um valor a ser pendurado nas aparições. Uma outra questão de fundo, reside na forma da composição das relações em uma polis vinculada aquela da produção das subjetivações em um modo possível de se dar e se apresentar como homem. Talvez, a duas questões redundem no conceito de verdade, tomado como o aparecer das coisas de um determinado modo. Sobre essa perspectiva, a convergência entre a nação de homem, verdade, realidade e justiça fazem parte de um e mesmo problema, pois ao indagar o sentido da realidade é necessário indagar o sentido de ser homem, porém a indagação parte da atividade mesma do pensar. Sendo assim, homem, verdade e pensar são as condições pelas quais se projeta a possibilidade mesma da questão do pensamento. Pensar é trazer à tona a presença ao pensamento dos conceitos de homem, mundo e verdade e suas relações recíprocas. Mas pensar a questão mesma do pensamento é indagar sobre o modo de se dar como homem. É na convergência que reside a circularidade. Homem, pensamento e verdade se interpenetram. Porém, se ultrapassarmos a ideia de homem e caminharmos para os processos de construção do quem, entraremos novamente na circularidade, pois um alguém passa a ser objeto de indagação, mesmo que tacitamente. É na anterioridade tática que reside o desenrolar da questão. Por outro lado, não poderíamos abrir mão dessas instâncias?

7 O SABER PRODUZ ALGUM ALENTO?

Por que continuar a pretender o saber? Saber como deseja o leão? O saber como destino daqueles que desejam, como expressão daqueles que se lançam na abertura, como signo de uma conquista, como signo de uma invenção, de um dar-se e esconder-se. A sedução do saber apresenta-se como o resultado da imposição de uma conquista. De uma conquista em que afetos celebram a sua hegemonia na esfera da língua. Como pode uma composição na língua, resultar em vitória? Talvez a expressão do zelo conforte a possibilidade de ensaiar posições sobre e junto ao mundo e pessoas. Escrever para Ninguém reforça a posição de um gozo das próprias forças e formas. O prazer da composição. O saber esconde a sua base na revelação do juízo de gosto. Ficou satisfatório. Se assim o for, remete a sua força à beleza da hegemonia da sua composição. A liberação do saber, redundando no gozo com a sua própria capacidade. Talvez, por uma breve ilusão de posse, pela beleza da composição. Nesse caso, não se trata de ponderar sobre a referência, mas de tomar como claro a decisão de realizar uma forma. Se o saber é uma luta, é no prazer do polemos que reside a possibilidade mesma do pensar. Na decomposição reside a beleza da pluralidade, da multiplicidade de possibilidades da ação. Se assim o for, a

noção de verdade esconderia o prazer da conquista em um conceito. O devir histórico da questão ressoaria como o lugar mesmo da disputa. Mas se manteria apenas pela disputa. O esclarecimento revelaria a vontade de poder (NIETZSCHE, 1992) e não vontade de verdade, ou, a vontade de verdade esconderia uma vontade de poder depreciada ou iludida sobre a sua própria atividade?

Há algum tempo uma única questão me ronda: o que nos faz pensar? O que ocorre quando a atividade de pensamento se dá? O que pretende a atividade de pensar? Quais as condições estão lançadas na atividade de pensar?

Um endereçamento. Um plano de imanência, uma consistência, personagens conceituais. Por agora, mesmo que não se pretenda, que desejasse colocar de lado, deixar guardado em algum canto, que ficasse extasiado em algum canto, com ruído qualquer ou na beleza de um entardecer... Mesmo furando os ouvidos... No canto, brotaria... como se dá o pensar. Na fissura interior, no conjunto dissonantes de vozes, na abertura da conjunção, na produção de conceitos, na voz dos pensadores, na audição de sábios, na convergência entre homem e ser, na produção e invenção de conceitos, como modo de ser da vontade de poder, como erro, como lamento, como humano, demasiado humano... No endereçamento a ninguém. Na esfera da linguagem. Por outro lado, não será o avesso da linguagem. Mas mesmo a língua, antecederia um dizer. A localização cerebral não mudaria absolutamente nada. Mesmo se descesse as desorganizações dos órgãos ou subisse a mansão dos deuses. Mas e se ouvisse o aviso dos antecessores? Um recordar língua?

8 REFUTAÇÕES

A anterioridade de Ninguém.

Os modelos de sociedade e ou do desenvolvimento do Quem enquanto humanos, não baseados em contratos sociais, têm que se ocupar das condições pelas quais um Quem brotaria, pois não o suportam como condição de construção do fato da civilização ou da cultura. O fato da civilização ou da cultura suportaria algo a ser civilizado ou como expressão de um cultivo. Contudo, a categoria Ninguém, nestes modelos, suportaria o desenvolvimento de um Quem. A anterioridade recairia sobre o quem, como caminho de acesso ao Ninguém.

A proposição de um modelo de emergência de algo supõe um conjunto intrincado de relações e micro relações e dispositivos e práticas discursivas. A produção das atividades resultantes em um quem supõe a presença ao mundo e a co-presençainter pares. A suposição de um desenvolvimento fora da esfera de algum cuidado ou fora de algum lugar e tempo é um equívoco metafísico. Os modelos de preexistência divina ou humana supõem a presença avaliativa de uma comunidade.

Por outro lado, a redução e decomposição da situação da imanência enquanto tal poderia indicar um caminho. Habitar um estar que reconhece as condições de se perceber estando de um determinado modo, mas diante de, junto a um si que é interpelado pelo fato de estar de um determinado modo. As reduções sinalizam uma presença. A tomada da presença pode se fluidificar quando reconhece a ausência de determinações anteriores. A afirmação de um não saber pode remeter para o desejo de saber não preenchido. Nessa via, ainda manter-se-ia a pressuposição de um depósito de avaliações anteriores. Um conteúdo a ser depositado sobre algo que passa a interpretar a si mesmo e o mundo como representações do arquivo. Eu vejo uma árvore. Na vigência desse modelo, um quem se posiciona frente ao mundo exterior com a designação a ser preenchida pela aparição para um algo que se compreende como um quem existente. O modelo de cogito presente na metafísica cartesiana é a explicitação desse modelo,

pois na redução à dúvida, na esfera do pensar, constata-se a existência de um eu que pensa, que posteriormente será o depositário das sensações e de um conjunto de ideias prévias. Mas ao atacar os depósitos não estaríamos ainda na fluidez? O ataque ao conteúdo do depósito faz parte de um projeto crítico de filosofia, sustentado por um quem do discurso. A crítica ainda mantém a posição de um quem. Porém, o fato de não saber se se sabe pode ser uma via para suspender a exigência de saber que não se sabe, logo, a destruição da condição não só do depósito mas a posição de ser a condição para a efetivação e atuação do depósito. Para acessar o Ninguém. Ninguém não sabe o saber que não sabe ou que deveria saber que não sabia. Inversão de Sócrates, do 'só sei que nada sei' (PLATÃO, 1999). Neste sentido, Sócrates e Descartes (1999) são tributários das tentativas de afirmação de Quem e sua hegemonia.

Os modelos ontológicos se movem diante da questão, indicando um apelo à essência de ser e estar de determinado modo como chamamento a assumir e realizar-se previamente circundado pelo horizonte de alguma abertura no terreno do ser. As disputas pelo modelo seriam desdobramentos da abertura em tal ou qual direção. Não há obviamente compromisso com a forma humana desenvolvida em abertura ao longo da história das apropriações, pois demandam petição de princípio. Oscilam as formas determinantes modernamente pelas proposições vinculadas ao marxismo – ou o socialismo real soviético; vinculadas ao modelo norte americano – democracia liberal, e em passado não distante, ao modelo desenvolvido pelo nacional socialismo. Os modelos antigos sinalizam composições nas esferas da monarquia, aristocracia, oligarquia, democracia e tirania. Análises pós-heideggerianas sinalizam o modo de ser típico em sociedades reguladas pelo neoliberalismo ou pelo ultraneoliberalismo. Em todos os movimentos de constituição apresenta-se um determinado modo de ser e estar de um Quem. Os modelos supõem conjuntos de ordenamentos e suas justificações. Interessante sinalizar, em todos os sistemas de ordenamento social se pressupõe um Quem. É na esteira de um Quem que se ocupa com o mundo e no mundo que nascerá a pergunta em torno da questão sobre quem deverá governar. Os modelos contratuais abrem mão de pensar a questão do tornar-se no plano ontológico, para tratar no plano ôntico das relações de produção de acordos tácitos da constituição e justificação da sociedade. Supõe um Quem que se relaciona com a soberania, sendo capaz de tratados. A escola da suspeita inaugura outra via, indicando que é no plano das oposições e expressões dos poderes e forças que a noção de homem vai se impondo e hegemonizando-se, sobretudo, no plano dos discursos e das práticas presentes no nível das micro relações de poderes, visibilizadas no palco do biopoder e nas estratégias da biopolítica, na esfera do conceito de população e daquele de indivíduo. A construção do Quem é decorrente dos processos de práticas que vão estruturando a condição de possibilidade de sua emergência. Não há um Quem fora do conjunto de práticas e discursos instauradores, a produção da loucura, da sexualidade, da eticidade e do cuidado consigo indicam a hegemonização destes dispositivos de modo variado em épocas. Porém, a produção de Ninguém escaparia ao modelo ou seria dele decorrente? A suposição do ninguém como resistência ao humano, a polis e as suas formas de dominação não abriria espaços para a emergência de processos contra hegemônicos, de um devir?

9 A PROPÓSITO DA PALAVRA DE ORDEM. QUEM!

Nos territórios educacionais rodam e reivindicam-se palavras de ordem. Se na linguagem inventam-se e impõem-se mundos e sujeitos, na formação, atrelada a processos de subjetivação, vicejam em velocidades de várias ordens as afirmações das forças lançadas e imanentes em jogos de poder que impõem órgãos e funções ao corpo sem órgãos. Poder, linguagem, sujeições

passam a imperar no acontecimento sala de aula, porém a afirmação de um Quem seria condição fundante para o estabelecimento de processos molares?

Do outro lado da porta, apresenta-se um Quem. Do outro lado da avaliação apresenta-se um Quem. Do outro lado do gênero apresenta-se um Quem? Do outro lado da cota apresenta-se um Quem? Do outro lado da nota apresenta-se um Quem.

Quem e instauração de hegemônicos são noções que se referendam... pois, do lado de fora apresentam-se os cortes que se impõem como a face mais aguda do Quem... agora, um nome, um rosto, um gênero, uma forma que atende aos interesses que vicejam e se afirmam como muro a ser instaurado. Instaurar um muro como expressão de uma face das palavras de ordem, eis uma das faces dos processos de educação. Por ora, sinalizar a potência do Ninguém soa como uma tentação de experimentar outros endereçamentos. Como sala de aula irá agenciar com os possíveis que ninguém requer?... na semântica em que ninguém reivindica modus outros ainda vindouros poderiam emergir, pois...

Ninguém não seria o destino do Quem? Porém, não seria a face outra ou fracassada do Quem? Uma sala de aula onde ninguém estaria, na qual as forças, velocidades diversas fariam em devir outro e menor outros territórios ainda porvir na variação infinita de novos e inusitados mundos. Por mundo e sujeitos outros acenam ninguém. Ainda não um Quem, ainda não uns outros e diversos em dobras e desdobrar. Para além da raça e seus racismos, para além do gênero e seus machismos, para além da identidade e seus paralogismos, para além do estar a mão, de se tornar função em economia. Uns outros que ainda poderíamos ver surgir, nesta terra de ultrapassagens, neste mundo de devir outro na língua e suas hospedagens. Afinal, como tornar-se escola junto a Ninguém? Como tornar-se sala de aula junto a Ninguém?

Ninguém e o acontecimento.

Na face aguda do estar brota o acontecer. Acontecer em que rastro de vida instaure o mais uma vez ainda e possível. Possível outro, em variação infinita, em desdobras velozes, fúrias a afirmar a inutilidade, o escapar de usos em resistência, a tecnoplanificação da vida, dos corpos, da Terra. Ninguém resiste. Ninguém deve resistir e insistir e apresentar um possível. Em torno do mastro, maleável, em experiência de estar deslocando, desformando, rumo a abertura de existir de modos outros... ninguém afronta a sala de aula e suas funcionalidades. Ninguém assombra Quem e suas palavras de ordem. Ninguém é desejo de semântica nova, inusitada, para além e aquém do homem.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2009.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988
- HARDT, M., NEGRI, A. **Império**. Tradução Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.
- HOMERO. **Odisséia**. Porto Alegre: Editora L&PM Pocket, 2007.
- HUN, B. C. **Topologia da violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2017.
- KEROUAK, J. **On the road**. Tradução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2016
- LEITE, M.V. **Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento**. Cartas, passeios e peles em sala de aula. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.
- NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1998.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1995
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

**Submetido em julho de 2023.
Aprovado em dezembro de 2023.**

Júlia Maria Ferreira Leite

Mestre em Literatura, Centro de Ensino Superior (CES/JF). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de fora, MG ID Lattes: 6268670083972354. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3929-8372>.

Contato: julia.ferreira@uff.br

Marcos Vinícius Leite

Doutor em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Juiz de Fora, MG, Brasil. ID Lattes: 3071860341273766. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2593-3803>.

Contato: marcos.leite@ifsudestemg.edu.br